

JUVENTUDE E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS RADICAIS: O CASO DA RENÚNCIA AO “MUNDO” E DA POBREZA

Rodrigo Portella

Introdução

Na Europa medieval surgiram, no seio da Igreja Católica, as ordens religiosas conhecidas como mendicantes, através dos franciscanos, dominicanos, carmelitas e servitas. Em tendência contrária a dos mosteiros, as ordens mendicantes propuseram-se a caracterizar-se pela ausência de bens, pela pobreza, pela itinerância e pelo convívio e pregação junto ao povo. A fraternidade católica brasileira da Toca de Assis, por sua vez, se apresenta como uma espécie de *revival* mendicante, ou restauradora, recriadora, daqueles ideais medievais. Agregando um grande número de jovens, a Toca de Assis surge como espécie de neofranciscanismo, pois toma como principal referência a figura de São Francisco de Assis e seus ideais, buscando, inclusive, assemelhar-se ao movimento franciscano primitivo, seja no vestuário (hábito), seja na aparência de seus aderentes (tonsura, pés descalços, geralmente a barba rala nos rostos masculinos). Além disso, na atividade religiosa prática diária, busca, a Toca de Assis, acolher e atender, em serviços assistenciais, a população em situação de rua e pessoas doentes.

No presente texto são levantadas questões como a das relações entre estilos de vida juvenil e opção por uma vida de privações, pobreza e renúncia aos estudos. Quais os significados destas relações? Como caracterizar jovens que buscam uma experiência religiosa de renúncias e de partilha de vida com pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades? É em busca deste novo perfil de jovens católicos que aderem a uma nova fraternidade franciscana que se desdobra o presente texto.

1. Renúncia e pobreza entre jovens católicos da Toca de Assis

Os jovens aderentes à Toca de Assis se tornam pobres. Digo “se tornam”, pois mesmo pessoas pobres que adentram ao instituto tornam-se, por certo, mais pobres do que eram. Se em épocas passadas entrar para o convento ou mosteiro poderia significar ascensão social, ou oportunidade de casa e comida garantida, tornar-se toqueiro, ao contrário, significa descenso social e risco de não sempre ter comida suficiente para a fome do dia, ou teto, quando o toqueiro dorme na rua junto àqueles com os quais se nivelou em

pobreza. Renuncia, o toqueiro, às suas roupas e a muitos objetos pessoais que antes possuía. Se cultivava vaidades, as abandonará, tonsurando sua cabeça e deixando, a mulher, os cabelos curtos e cobertos. O dinheiro não será mais próprio; tudo será em comum. Tudo ou o pouco que houver. Aprender-se-á a viver de esmolas, da boa vontade dos homens e dos céus. Cinema, teatros, diversões: somente aqueles permitidos e se houver alguma oportunidade, e geralmente não as há. Estudos formais estão fora de questão. Também a nojos e náuseas se deve renunciar, pois não os pode carregar o toqueiro que terá que conviver com a imundície das ruas e com o mau cheiro e as feridas de tantas pessoas em situação de rua, das quais cuidará diuturnamente. E, frisando: estamos falando de adolescentes e jovens, envolvidos por um mundo de anseios, expectativas e com a vida pela frente, o futuro a construir.

Ser jovem na contemporaneidade (só agora?) implicaria em experiências radicais ou limítrofes (MARIZ, 2005, p. 6). Diria que implicaria em experiências de ruptura (pela via da contestação). A Toca de Assis, até onde percebo, segue um pouco tal lógica. Seria a Toca de Assis formada por pessoas que, no veio das experiências limites, buscam alternativas radicais à sociedade como a temos, capitalista, consumista e hedonista? Afigurar-se-ia a Toca de Assis a movimentos sectários neste corte com o mundo, por assim dizer? Guerriero (2006, p. 77) coloca como característica de grupos sectários o abandono de emprego, estudos, nome de batismo e a ruptura com amigos.

Seguindo um pouco por tal trilha é possível conjecturar que a Toca de Assis possa ser considerada como um grupo contra-cultural. Para tanto é preciso evidenciar uma característica marcante de seu *ethos*: a renúncia. O ideal de pobreza radical, de viver apenas da providência divina, demarca a renúncia às fontes produtivas de sustentação, apelando para a providência, para um estilo de vida livre de compromissos sociais convencionados, e, a partir de um rosto coletivista, a Toca de Assis poderia se inscrever enquanto grupo contra-cultural ao molde dos *hippies* ou movimentos similares surgidos nas décadas de 60 e 70 do século 20 (OLIVEIRA, 2003a, p. 64). O estilo de vida de renúncia à sociedade de consumo, de bens, à lógica capitalista, e o viver em sua contra-mão pode ser interpretado como um “romantismo anticapitalista”. Pois se o capitalismo, filho dileto do processo de secularização, de certa forma contribui – em sua expressão tradicional, ao menos – para desencantar o mundo, um anti-capitalismo vivencial e visceral não deixa de ser uma

tentativa nostálgica de reencantamento do mundo (LÖWY, 1989, p. 32). A rejeição ao trabalho produtivo convencional, às sociedades capitalistas modernas, e o cultivo da improvisação, ou da providência, são sinais que podem remeter ao que Maffesoli (2005) classifica como “vida improdutiva”, ou seja, a negação do trabalho formal e do progresso como imperativos dando lugar a uma fruição do provisório e do instante, ainda que *ancorados* na certeza da providência.

O estilo de vida em renúncia também pode ser interpretado como reação à ditadura da racionalidade, do instrumentalismo e cálculo, visando uma revalorização do místico, do imponderável (SANTOS, 1993, p. 17). Movimentos de tipo – ou aproximação – milenarista ou romântico, de reforma, são detectados, pela sociologia, como expressões sociais de desejo de retorno ao passado original (MENDONÇA, 2004, p. 32). Viver no Espírito, nos braços de Deus, implicaria esta renúncia sobre a própria vida, rumos e desejos, entregando-se totalmente a um outro (OLIVEIRA, 2003a, p. 72).

O fato de que pessoas que abrem mão de usufruir sobre o dinheiro, de tê-lo, não tendo direito a usá-lo como quiser (MARIZ, 2006, p. 15), gera certamente uma atitude contra-cultural. É a renúncia a toda uma sociedade – incluso Igreja nela – que se move através do dinheiro e por ele, e que tem seu mote no consumo.

2.Sociedade, trabalho e renúncia: conquistando outros horizontes

Voltando à questão da renúncia a uma configuração de vida considerada “normal” pela sociedade, é preciso perguntar o que uma experiência de auto-marginalização do mercado de trabalho (renúncia aos estudos formais/profissionalizantes, presentes na Toca de Assis), em faixa etária juvenil (de formação), e por tempo relativamente longo, pode acarretar. Provavelmente a irreversibilidade de retorno a este mercado. Geralmente, as pessoas que são recrutadas para movimentos de molde carismático-proféticos, tendem a ignorar carreira, distinções, hierarquias (BOURDIEU, 1978, p. 89). Seria esta uma atitude de insensatez juvenil ou de protesto contra-cultural a uma sociedade regida pela corrida ao mercado de trabalho e disputa nele através da formação e do desempenho? Mariz (2006, p. 11), contudo, oferece uma pista de resposta interessante ao afirmar que:

Viver em comunidade (de vida/religiosa) significa viver e trabalhar com metas outras além do aumento do consumo, ascensão social. A

constatação e/ou intuição que essas metas, ditadas pela sociedade mais ampla, provavelmente serão frustradas podem gerar conflitos pessoais ou sociais e ameaçar a auto-estima. A opção pela vida em uma comunidade pode evitar esse tipo de frustração.

Neste sentido, a que se renunciaria? A um futuro seguro e confortável ou à falta de perspectivas sólidas e atraentes? Renunciando à dúvida e instabilidade de um futuro incerto e aderindo-se a uma comunidade ideal, mais se perde ou mais se ganha nesta renúncia? No discurso ou lógica da renúncia está embutido um ganho. Deixa-se a família para ganhar outra. Renuncia-se ao mundo para ganhar o céu. Deixa-se objetivos de vida laica para se engajar em um objetivo/missão maior, divino. Para ter é preciso renunciar. Mas deixar coisas para trás significa ganhar outro mundo, radical e diferente. Neste ínterim é também preciso anotar que a sociedade atual, em seu multiculturalismo, já não indica caminhos seguros e definidos, mas joga indivíduos numa polifonia semântica de caminhos, onde há não uma orquestra organizada, mas uma dispersão, cacofonia de vozes. Nesta sociedade cada um deverá cantar a sua própria canção, compor seu próprio repertório que se juntará à cacofonia geral. Neste sentido o multiculturalismo, as possibilidades mil desarticuladas oferecidas pela contemporaneidade, que acaba não apontando para lugar nenhum e não dizendo nada, representam o fim da utopia (BAUMAN, 2003, p. 112s). Para muitos jovens, viver em tal tipo de sociedade, inseridos nela, pode parecer desesperador e anômico. Ou bastante arriscado, para dizer o mínimo. Mais arriscado, talvez, do que os riscos que a Toca de Assis representa em seu estilo de vida. Já conforme o argumento de Berger (2004, p. 68), deixar trabalho, estudo e família, deixar a sociedade em suas estruturas convencionais e viver em uma espécie de contra-cultura pode ser um meio de renegar a ausência de sentido, a dor, a frustração, justamente pelo viés de uma certa “auto-aniquilação”.

Há sim, e isto é evidente, uma escolha, em princípio bem consciente, em viver uma vida pautada na diferença. Os jovens da Toca de Assis não são constrangidos a romper com a sociedade dominante e desviar-se de seus valores. O constrangimento e pressões são justamente no sentido contrário. Gozar a vida, cuidar da saúde e boa forma do corpo, aparecer em *flashes* são os sinais da cultura dominante (LIPOVETSKY, 1989, p. 103). Portanto, mais do que um jovem que frequenta bares, cursa universidade e adere às modas sociais, podemos dizer que jovens como os toqueiros, estes sim, ao tomar um rumo tão

díspar do convencionalizado como “normal” pela sociedade, é que fazem uma verdadeira opção. Opção não está, em princípio, na aderência aos rumos convencionalizados. Neste caso há uma inserção natural que é, de certa forma, a falta do optar, do decidir outros rumos. Jovens que entram na Toca de Assis são, talvez, os mais modernos jovens da modernidade, pois usam da reflexividade, do juízo e da opção para encarnar um modelo de vida altamente diferenciado do normatizado socialmente e altamente reflexivo, enquanto escolha justificada em contraste com certos modelos de sociedade e mesmo de Igreja.

Importa, aqui, compreender que grupos ligados à Renovação Carismática Católica (RCC) costumam ter maior contundência em suas críticas aos valores da sociedade secular do que em outros grupos da Igreja (MARIZ, 2006, p. 1). E que, por isso mesmo, tomam atitudes mais radicais em relação à configuração de suas próprias vidas feitas em contraste com a sociedade. E isto significa um alto grau de juízo, que se constitui em um elemento de alta flexibilidade, e não em um desgosto puro e simples pela vida social normativa, ou em uma atitude masoquista ou de fuga do mundo.

3.A inserção na comunidade e a renúncia ao mundo: os virtuosos

Porém quero voltar ao paradoxo da renúncia/desejo, perda/ganho. Quando um jovem diz que “renuncia ao estudo” (Apud MARIZ, 2006, p. 13), ele está, ao mesmo tempo, revelando um desejo. Se há renúncia, há desejo. Ou seja, estaria no horizonte de sonhos destes jovens uma formação, uma carreira profissional. Neste sentido a atitude contra-cultural não está tanto no desprezar as regras da sociedade, mas no sacrificar seus desejos – às vezes coincidentes com os fomentados pela sociedade – para aderir a um objetivo maior que contrasta, mesmo, com seus sonhos ou desejos. Por isso é renúncia e sacrifício, pois só se renuncia àquilo que se quer.

Esta entrega de vida é, como diz um comunitário carismático citado por Miranda (Apud 1999, p. 47), “na obra, para a obra e da obra”. Isto significa dizer, mais especificamente no caso da Toca de Assis, que nada mais se faz e se visualiza nos horizontes de interesses que não a missão e carisma daquele universo assumido. Troca-se o senso da individualidade e de seus desejos pelo senso do coletivo e do desejo do coletivo. Dentro de uma perspectiva durkheimiana, pode-se dizer que o carisma do grupo, a efervescência do e no grupo é o que sustenta o elo entre os comunitários e os impele em

força e ideal para suas devoções e serviços. Neste sentido é preciso considerar que sentimentos de forte pertencimento são característicos de minorias, dos que “nadam contra a corrente”. Minorias cognitivas tendem a apertar laços de solidariedade e pertencimento e a criarem certo sentido de superioridade em relação aos demais, aos de fora (MARIZ, 2005, p. 9).

Abandonar estudos e profissionalização para viver de doações constitui-se em virtuosidade religiosa (MARIZ, 2005, p. 4), em uma atitude heróica que se faz na contra-mão social. Neste sentido há uma retórica, quase senso comum, sobre a capacidade dos jovens em doarem-se por uma causa (MARIZ, 2005, p. 4). A figura do jovem é idealizada em um romantismo, como um herói, como alguém capaz de extremos, da santidade, da revolução, do martírio (MARIZ, 2005, p. 4). Contudo, viver da providência teria dois lados: um de risco, do viver sem seguranças pré-determinadas, e outro, paradoxalmente, de segurança, de certa segurança ontológica que a *communitas* dá, que o grupo, envolvido emocionalmente em uma mesma causa e em uma mesma fé na providência, proporciona, inclusive criando um sentimento de pertença e segurança familiar-grupal que, talvez, alguns jovens não sentissem enquanto em seus lares de origem.

A Toca de Assis estabelece-se, em seu ideal vivencial de pobreza e renúncia, como uma *communitas* gerida por referenciais carismáticos. Geralmente movimentos religiosos do tipo *communitas*, integrados por pessoas separadas, eleitas, diferenciadas e intimamente vinculadas ao grupo, são considerados sagrados porque justamente transgridem as estruturas institucionalizadas, no nosso caso, as sociais de referência de normalidade (TURNER, 1974, p. 156). A estrutura social vigente pressupõe propriedade e, por isso, a *communitas* procura aboli-la (TURNER, 1974, p. 157), diferenciando-se da sociedade normativa e criando um espaço alternativo em que os valores são transmutados: pobreza se torna riqueza, renúncia se torna libertação. Ainda conforme Turner (1974, p. 165), também seriam características da *communitas* a ausência de posições sociais diferenciadas e, de certa forma, a ausência do trabalho formal como forma de suprir as necessidades.

4. Entre a racionalidade e a providência

A pobreza da Toca de Assis se conjuga com a providência, e se faz possível através dela. Não ter bens imóveis do qual auferir rendas; não realizar trabalhos, formais ou

informais, para haver remuneração; não estar na lógica de uma paróquia, dependente de dízimos e contribuições; toda esta ausência de fontes de renda leva a Toca de Assis, conforme seus adeptos, a depender somente de Deus, de sua bondade. Viver sem casa, tendo por casa o mundo, as ruas; viver sem bens; viver sem fonte de renda definida; viver, como diziam os antigos, ao “Deus dará”.

“Uma vez em Cotia a gente estava trocando as fraldas dos irmãos e acabou as fraldas; eram 28 irmãos acamados (...) quando acabou a última fralda, passou 10 minutos uma senhora ligou pra mim: ‘Irmão, eu queria dar uma doação, pode um carro vir buscar?’, e eu disse ‘pode sim’, e eu me distraí e nem perguntei do que era a doação. Quando chegou eram 40 pacotes de fraldas” revela Ir. T. O milagroso tem lugar na Toca de Assis e se chama providência divina. O dia-a-dia é gerido e explicado de uma forma encantada, para usar o termo já consagrado. Não há porque se preocupar, afinal, Deus é pai. Como por milagre, as coisas tendem a acontecer na hora certa e no lugar certo, pois que Deus estaria no comando de todas elas. O jovem H assevera que “para quem confia na providência, medo não pode existir”. Nem medo e nem preocupação. Deus pode até tardar, mas não falha. Ir. F, ao seu turno, não poupa o verbo ao falar da providência divina. Aponta para como é “impressionante” o fato de chegarem pessoas, “na hora certa”, para fazerem doações em espécie, passar cheques, doar material de construção, comida.

A ruptura com a racionalidade moderna se dá, justamente, pelo fato de que nada é planejado, mas inspirado e revelado (OLIVEIRA, 2003a, p. 95). Ou seja, a providência e seus imponderáveis entram em cena com a pujança de uma negação da racionalidade, ou destronação dela, ao mote pós-moderno. O deixar as opiniões próprias, as planilhas de planejamento, o abrir mão de decisões se associa à idéia do controle soberano de Deus sobre a vida das pessoas que requer, para tanto, a abdicação da tentativa de controle humano (OLIVEIRA, 2003a, p. 98). É, portanto, uma contra-lógica frente à sociedade secular moderna e uma não institucionalização do saber, em uma abertura completa ao fluxo do Espírito Santo e da providência. Weber afirma que no processo de secularização não há mais “forças misteriosas incalculáveis” e que “podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado” (Apud LIBÂNIO, 2002, p. 67). Ora, então “existe uma semente nihilista na modernidade, que Anthony Giddens localiza no rompimento iluminista com a providência divina” (COSTA,

2009). A Toca de Assis se configuraria, então, em seu abandono de tudo e confiança estrita na providência divina, no abandono do cálculo, uma forte vertente de reencantamento, onde nada mais depende da racionalidade, mas da providência de Deus que tudo supre. Assim “o carisma rejeita como indigna a obtenção racional e planejada de dinheiro, bem como toda atividade econômica racional (...) quando sua missão é de natureza pacífica, recebe os recursos econômicos necessários de patrocinadores individuais ou na forma de doações honoríficas” (WEBER, 2004, p. 325).

Neste sentido não se pode deixar de pensar, em paralelo, a crise do Estado no mundo capitalista neoliberal. O Estado ausente nas questões sociais relega à sociedade o cuidar dos pobres, o ser providência para eles. Pois que “a crise do Estado-Providência é um meio de disseminar e de multiplicar as responsabilidades sociais, meio de reforçar o papel das associações, cooperativas, das coletividades locais” (LIPOVETSKY, 1989, p. 125). Quando sai o Estado providente, quando o mais abandonado está literalmente ao “Deus dará”, eis que este dá, em sua providência, através dos seus. Portanto, se a Toca de Assis é uma rede religiosa de providência para os abandonados pelo Estado, a mesma Toca de Assis é sustentada por uma rede religiosa de providência que se constitui em seu entorno, para apoio e sustento.

A providência pode ser interpretada como redes, laços que vão se criando a partir do grupo, em um mutualismo marcado pela afinidade do familiar, no nosso caso, do ideal (MAFFESOLI, 2006). Para o profeta e seus discípulos existe “o círculo de adeptos que o apóiam com alojamento, dinheiro, serviços” (WEBER, 1994, p. 310). Há, então, na Toca de Assis benfeitores que ajudam com uma quantia fixa todo mês; outros que assumem alguma demanda financeira mensal de uma casa, como conta de água ou de luz; outros que doam, mensalmente ou sazonalmente, cestas básicas, ou pacotes de fraldas ou ataduras.

O viver ao “Deus dará” pode conotar uma crítica à sociedade do trabalho, da produção, do acúmulo, capitalista enfim. Como também pode revelar um modo contracultural de vivência, em que a preocupação com tempo e compromissos formais ganha lugar secundário. Como contra-identidade, isto é, como resposta à identidade forjada pelo Ocidente capitalista contemporâneo, consumista, hedonista, o toqueiro, ao molde do monge dos primeiros tempos do cristianismo, se concebe como um peregrino por esta terra, e sua essência é a ruptura com esse mundo – mundanismo – e o movimento desprendido dele à

outra vida (SODRÉ, 2004, p. 28). De forma reativa aos modelos civis e, também eclesiásticos burocratizados, o toqueiro requer para si uma identidade fluida que contrasta com as exigências da moderna sociedade. “De dentro da sociedade moderna, tecnológica, eficiente, produtiva sob o império da razão instrumental, emergem pessoas que buscam uma alternativa a ela. Os campos da religião, da estética, da lúdica atraem-nos. E quando a religião se veste de beleza, a atração é ainda maior” (LIBÂNIO, 2002, p. 80).

A idéia de providência carrega em si uma “ordem de dignidade diferente” da ordem natural (WEBER, 1994, p. 334). Assim também a ordem do dia-a-dia, na Toca de Assis, tem um *status* diferente daquela do mundo racionalizado em suas atividades. Também quanto a este íterim, embora haja significativas diferenças em relação aos *hippies* dos anos 60-70, pode-se fazer pontes entre eles e a Toca de Assis, a partir do conceito de *communitas*, levando-se em conta um caráter contestador do mundo – e, de certa forma, da Igreja, - nas expressões de espontaneidade e não previsibilidade (TURNER, 1974, p. 138).

6. Os pobres são os professores: a Toca de Assis e os estudos formais

A providência também atua no espectro cognitivo na Toca de Assis. Como já mencionado, a Toca de Assis cultiva um anti-academicismo. Estudos formais não são recomendados aos toqueiros. O discurso que se ouve na Toca de Assis é o de que estudos formais, dentre eles o da teologia, são proibidos porque o carisma da Toca de Assis é cuidar dos pobres, não formar padres. E, no ritmo de trabalho e dedicação que os irmãos têm, não seria possível conciliar estudos acadêmicos e serviço à população em situação de rua. O aprendizado essencial do toqueiro é o que ele teria junto à adoração eucarística e junto aos pobres. De fato o sítio da Toca de Assis afirma que “os pobres são os nossos livros”, ou seja, quem dá a real formação no dia-a-dia aos toqueiros. Ou, como costumava dizer o Pe. Roberto Lettieri, citado por toqueiros, “nossa faculdade é a rua”.

É interessante notar certo paralelismo entre o dizer que a faculdade é a rua, e o dizer que a faculdade é, ou foi, a vida - que tantas pessoas, sem ou com pouco estudo formal, afirmam -, no intuito de expressar que, embora não tenham estudado, têm uma sabedoria que a Academia, ou a teoria, não podem dar. Jovens, muito jovens às vezes, impedidos de estudar, e que deram livre assentimento a este impedimento, recorrem à máxima de que a faculdade é a rua, talvez para afirmarem uma sabedoria superior à dos doutos e estudados.

E para superar críticas, suspeitas e conflitos em suas relações com as demais forças e representantes eclesiais que viam na falta de estudos dos toqueiros um déficit perigoso. Mas a recusa aos estudos formais, claro, transcende a esta questão.

O vocacionado, ao adentrar à Toca de Assis, percebe valores do seu passado recente – e para pessoas tão jovens só há mesmo passado recente, ou o ontem – como nocivos ou, então, sem verdadeira importância. O que ontem era sonho e esforço torna-se, a partir da Toca de Assis, insignificância. Conforme descreve o postulante Y:

Eu via que o estudo [faculdade de Turismo] era só uma conveniência para mim, eu estava vendo como era meu egocentrismo, era uma satisfação pessoal, apenas (...) e hoje eu sei que a minha satisfação pessoal pode aliviar a dor de um outro, eu estou muito satisfeito na Toca, muito feliz na Toca. Eu sei que esta minha satisfação não é só minha.

Há uma troca preciosa aqui preconizada: abandona-se um sonho pessoal para fazer parte de um sonho coletivo. Mesmo um curso de medicina ou enfermagem pode ser visto como sonho pessoal, dado que, apesar de o exercício da profissão poder estar a serviço do alívio do sofrimento de outras pessoas, os cursos são vistos como uma profissão que, em última instância serve para que se aufera lucros pessoais, senão prestígio próprio. Também percebo certo veto, ou constrangimento, com aquilo que possa dar satisfação pessoal, ao menos fora do âmbito estritamente religioso. Estar em um projeto profissional separado de uma causa sagrada é tido como satisfação própria egocêntrica; porém fazer parte de um projeto coletivo de cunho religioso e de cunho social, ao levar alívio (e Deus, por suposto) a outrem, provoca uma satisfação lícita.

A desqualificação das expressões intelectuais da fé vai ao encontro da valorização das manifestações sensíveis, diretas, da presença do divino (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 42). Assim foi no franciscanismo primitivo e assim pode se dar em pessoas ou grupos que recusam a mediação da razão para um encontro com Deus.

Os livros e sua muita cultura e razão levariam para longe de Deus, e para longe dos pobres. E, se leva para longe de Deus, desencanta o mundo. Ao introduzir a razão analítica e crítica, cria perigosas rachaduras na abóbada celeste. “A tensão entre a religião e o conhecimento intelectual destaca-se com clareza sempre que o conhecimento racional, empírico, funcionou coerentemente através do desencantamento do mundo e sua

transformação num mecanismo causal” (WEBER, 2002, p. 244). Na contra-mão da racionalização moderna, que não considera mais qualquer autoridade como legítima apenas pela tradição ou carisma de um líder, exigindo que as legitimações se deem pelo discurso racional (MARIZ, 2003, p. 73), a Toca de Assis acentua a tradição e o carisma de um líder como pontos suficientes para legitimações absolutas de seu programa religioso. O próprio Weber (2002, p. 201) anota que, na adesão aos profetas, o conteúdo emocional é considerado o primordial, sendo a racionalização (“pensamentos”) sobre este expressão secundária. Questionar e questionar-se, em assuntos ligados à Igreja e doutrina, é visto como perigosa tentação demoníaca. Portanto a soma é fácil: questionamento racional + aumento de ofertas de cursos acadêmicos, que veiculariam tais questionamentos, = expansão do reino demoníaco.

“O guerreiro, não o literato, é o ideal da religiosidade” (WEBER, 1994, p. 414). Com esta frase brilhante Weber acerta na mosca, como de hábito, na questão. Os toqueiros são guerreiros, exército de Deus em adoração e reparação. Os livros os distrairiam da luta, lhes fariam menos viris, com menos atenção ao que realmente importa. Inclusive os estudos teológicos. Mas estes por motivo além. A teologia, para a Toca de Assis, vive grave crise, deixando-se permear pela dúvida metódica, pela influência das ciências humanas e sociais – leia-se não sagradas – nela; pela análise crítica à tradição e por militâncias e ideias esquerdistas que seriam estranhas ao depósito da fé católica. É a desconfiança quanto à racionalização teológica e quanto ao saber formalizado, entendido como ameaça, conforme já nos aponta Hervieu-Léger (1997) se referindo a grupos que se guiam pelo emocionalismo religioso.

“A dúvida, sobretudo a metódica, é radical. Chega a duvidar de si mesma. O ceticismo – que não era, parece, a intenção inicial de Descartes – por essência, não tem limites; ativado, mesmo que por prudência, não volta atrás e é avassalador. Destrói o ‘taken-for-granted’” (COSTA, 2009). Ou ainda pode-se dizer que “a modernidade é caracterizada pela necessidade de autoconhecimento e pela capacidade de determinação da própria trajetória de vida. Estas características da modernidade assentam numa reflexividade que se desenvolve num mundo mais de dúvidas do que de certezas” (FERNANDES, 2001, p. 60). Movimentos que recusam a razão cartesiana, a técnica, enfim, a importância do conhecimento teórico para a felicidade e o progresso são, no dizer

de Silva e Costa (2004, p. 130), movimentos anti-prometáicos, isto é, que recusam o legado de Prometeu a ainda envolver a sociedade e cultura técnica e intelectual em que estamos, que visa o conhecimento intelectual como fonte de bem-estar e progresso humano e técnico. Abjuram por um lado a roubar o fogo dos deuses, mas, ao mesmo tempo, participam deste fogo (experiência religiosa) pela via emotiva, e não intelectual. Uma característica de retorno a um estado pré-moderno (e pós) é a recusa da razão como acesso ao conhecimento. Ao se recuperar uma miríade de ritos, mitos e símbolos como articuladores absolutos e únicos da vivência humana, e interditar estudo e conhecimento acadêmico e científico, a Toca de Assis se desvincula do paradigma racional moderno e se entrincheira no paradigma do mito (SANCHIS, 1993, p. 13). Ou, conforme Hervieu-Léger, as formas não verbais de intensidade afetiva dão o tom e têm proeminência sobre qualquer outra forma de se vivenciar a fé, particularmente a intelectual (Apud CAMURÇA, 2003, p. 261).

Conclusão

Ser um Cristo para o Cristo sofrido, em renúncia, em opção pela pobreza, pela informalidade, pela vida dependente da providência. O jovem toqueiro, assim, se aproxima do místico altruísta de Weber, mas um místico cuja referência está radicalmente em Jesus (e por isso exerce sua caridade através da Toca de Assis, e não da Cruz Vermelha, por exemplo). Afinal “o místico benevolente dá a sua camisa quando qualquer pessoa que lhe cruza o caminho acidentalmente lhe pede o paletó – e simplesmente porque lhe cruza o caminho (...) é uma dedicação (...) não pelo homem, mas pela devoção simplesmente” (WEBER, 2002, p. 232). Dedicação, renúncia, pobreza não pelo homem, mas pela devoção, destaque. Por Cristo, com Cristo, em Cristo.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERGER, Peter ; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido. A orientação do homem moderno*. Petrópolis : Vozes, 2004.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo : Paulus, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1978.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (org.) *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis : Vozes, 2003. p. 249-270.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. In: *BIB*, São Paulo, número 56, 2003. p. 55-69.

COSTA, Joaquim. *Sociologia da Religião: apontamentos*. Aparecida: Santuário, 2009.

COSTA, Joaquim. *Sociologia dos novos movimentos eclesiais: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga*. Porto : Afrontamento, 2006.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo : Paulus, 2001.

DURKHEIM, Emile. Suicídio altruísta. In: RODRIGUES, José (org.). *Durkheim*. São Paulo : Ática, 2004. p. 111-116.

GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos. O quadro brasileiro*. São Paulo : Paulinas/ PUC-SP, 2006.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 18/1, 1997. p. 31-48.

LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo : Loyola, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

LÖWY, Michael. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. São Paulo : Zouk, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica. Uma igreja dentro da Igreja? In: *Civitas*. Porto Alegre : PUC, v. 3, n. 1, 2003a. p. 169-185.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis : Vozes, 2003b . p. 67-93.

MARIZ, Cecília Loreto. *Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*. Mimeo. Rio de Janeiro, 2005a. 18 p.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In: *Tempo Social*. São Paulo, vol. 17, n. 2, 2005.

MARIZ, Cecília Loreto. *Comunidades de vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?* Rio de Janeiro, 2006a. Texto mimeografado, 16 p.

MARIZ, Cecília Loreto; MINUZZO, Débora; LOPES, Paulo Victor Leite; SILVA, Rosiane. *Fraternidade Toca de Assis: os virtuosos católicos*. Trabalho apresentado no XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade. São Bernardo do Campo, campus da Umesp, 2006b. 15 p, em CD-ROM.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. In: *Estudos Avançados*. São Paulo : USP, n. 18 (52), 2004. p. 29-46.

MIRANDA, Júlia. As linguagens da Renovação. In: *Carisma, sociedade e política. Novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1999. p. 46-57.

MUNDO E MISSÃO. Revista católica mensal. São Paulo, ano 12, nº 95, setembro de 2005. P. 24-26 (reportagem “*Fraternidade de Aliança Toca de Assis*”)

OLIVEIRA, Eliane Martins. *O mergulho no Espírito de Deus. Diálogos (im)possíveis entre Renovação Carismática Católica e a Nova Era na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro : UERJ, 2003a.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (org.) *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis : Vozes, 2003b, p. 177-197.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. O catolicismo: das CEB's à RCC. In: *Teoria e Sociedade*. Belo Horizonte, UFMG, número especial. Maio de 2003c. p. 123-135.

SANCHIS, Pierre. Catolicismo, entre tradição e modernidades. In: *Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, n. 44, Ano 12, 1993. p. 8-24.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 38, dez. de 1993. p. 11-39.

SILVA E COSTA, Manuel. Religião e sociedade: a eficácia da religião e a religião da eficácia. In: RODRIGUES, Donizete (org.). *Em nome de Deus. A religião na sociedade contemporânea*. Porto : Afrontamento, 2004. p. 121-134.

SODRÉ, Olga. Globalização e pluralismo: guerra e violência ou paz e diálogo. In: PEREIRA, Mabel Salgado ; SANTOS, Lyndon (orgs.). *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo : Paulinas , ABHR, 2004. p. 11-52.

TOCA DEZ ANOS. Publicação especial de dez anos da Fraternidade Toca de Assis. Campinas, maio de 2005.

TOCA PARA A IGREJA. Revista mensal da Fraternidade de Aliança Toca de Assis. Campinas, números correspondentes entre os anos de 2003 a 2008.

TURNER, Victor. *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis : Vozes, 1974.